

DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS E CIRCUITOS CULTURAIS EM SÃO LUÍS-MA: AS BATALHAS DO RAP LUDOVICENSE

Cristiano Nunes **ALVES**

Professor Adjunto, DHG-CECEN, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEMA.

Email: cris7cris7@yahoo.com.br

Milena Boaes dos **SANTOS**

Graduanda em Geografia, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Email: milenaboaesd.s@gmail.com

RESUMO: São Luís, capital do estado Maranhão, desde os anos 1980 abriga uma série de objetos e ações dinamizados em torno da cultura *hip hop*, a chamada cultura das ruas. Por meio da noção de circuito cultural problematizam-se as dinâmicas socioterritoriais ludovicenses, lançando o foco para as batalhas de *rap* – apresentações artístico-políticas baseadas em duelos argumentativos entre MC's, os cantores da música da cultura *hip hop*. A metodologia de trabalho baseia-se em levantamento bibliográfico e audiovisual, bem como em visitas técnicas, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários fechados junto aos agentes implicados no circuito hip hop. Observa-se que por meio das batalhas os agentes periféricos ludovicenses se apropriam de uma série de espaços da metrópole maranhense. Trata-se de um estudo com o objetivo de retratar os que se utilizam da cidade como abrigo, vozes para quem o poder instituído parece estar surdo.

Palavras-chave: São Luís; uso do território; hip hop.

ABSTRACT: São Luís, capital of the state of Maranhão since the 1980s, has hosted a series of objects and actions dynamized around hip hop culture, called as the culture of the streets. Through the notion of cultural circuit we focus the socio-territorial dynamics of the city, analyzing the rap battles, political artistic presentations, constituted by argumentative duels between MCs, the hip hop music singers. The work methodology is based on bibliographic and audiovisual survey, as well as technical visits, semi-structured interviews and application of closed questionnaires to agents involved in the hip hop circuit. It is observed that through the battles peripheral agents appropriates a series of spaces of the Maranhão metropolis. This is a study with the objective of portraying those who use the city as shelter, voices for who or Instituted Power seems to be deaf.

Key-words: São Luís; use of the territory; hip hop.

RESUMÉ: São Luís, capitale du Maranhão depuis les années 1980, c'est l'abri d'une série d'objets et d'actions organisés autour de la culture hip hop, la culture des rues. À travers la notion de circuit culturel, les dynamiques socio-territoriales de São Luís sont problématisées, en se concentrant sur les batailles de rap, présentations artistiques et politiques basées sur des duels argumentatifs entre les MC's, les chanteurs de la musique hip-hop. La méthodologie de travail repose sur des enquêtes bibliographiques et audiovisuelles, ainsi que sur des visites techniques, des entretiens semi-structurés et l'application de questionnaires fermés aux agents du circuit hip hop. À travers les batailles, les agents périphériques de São Luís s'approprient une série d'espaces de la métropole du Maranhão. Cette étude vise à mettre en évidence ceux qui utilisent la ville comme un refuge, des voix pour lesquelles le pouvoir institué semble être sourd.

Mots-clé: São Luís; usage du territoire; hip hop.

INTRODUÇÃO

Conhecida por sua riqueza cultural, resultado de uma complexa justaposição de povos e culturas, São Luís é a capital do estado Maranhão e o núcleo de uma Região Metropolitana que atualmente abriga 1.621.102 pessoas (IBGE, 2018)¹.

A história territorial e a contemporaneidade ludovicenses indicam uma série de processos associados a agudas desigualdades (FERREIRA, 2000; CARDOSO, 2008; BURNETT, 2012) resultantes de modernizações seletivas (SOUZA, 2000), implicando em fratura e esgarçamento do tecido social. O olhar para esse dado de realidade autoriza afirmar se tratar de um espaço urbano fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, conjunto de símbolos e campo de lutas (CORRÊA, 1989).

Tomando como partido de método a noção de território usado (SANTOS, 1996), sinônimo de espaço geográfico², ou seja, a concretude, a cooperação e os conflitos constituintes nas mais diversas situações geográficas (SILVEIRA, 1999), propomos investigar as dinâmicas socioterritoriais de São Luís a partir do exame da música *rap*, que, assim como o grafite (expressão visual) e o *break* (expressão corporal), é um dos elementos artísticos constituintes do *hip hop*³.

¹ Regida pela Lei Complementar nº 174, de 25 de maio de 2015 a Região Metropolitana da Grande São Luís é composta pelos Municípios de Alcântara, Axixá, Bacabeira, Cachoeira Grande, Icatu, Morros, Presidente Juscelino, Paço do Lumiar, Raposa, Rosário, Santa Rita, São José de Ribamar e São Luís.

² Refletimos a partir da noção de espaço geográfico, de acordo com Santos (1996), formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Por seu turno, a despeito do poder desigual de cada um de seus agentes, o território usado, "um quadro de vida" (SILVEIRA, 2011, p. 35), abriga a todos guardando a marca de seu tempo.

³ O *rap* (rhythm and poetry) indica um gênero musical baseado em batidas rimadas e faladas pelos *Mcs* (Mestres de cerimônia) e tocadas ao som de bases musicais pelos *Djs* (Disc Jóqueis). Por sua vez, o grafite consiste em pinturas realizadas nas mais diversas superfícies urbanas por meio das técnicas de *spray*. Já o *break*, sinaliza para uma dança apresentada individualmente ou em grupos (*crews*) e que entremeia golpes de lutas marciais e

Surgida nos Estados Unidos no final dos anos 1960, a cultura *hip hop*, também conhecida como cultura das ruas, chega a São Luís em meados dos anos 1980 (SANTOS, 2007, 2008; ZUMBIDO, 1999; DIAS, 2002, 2009), e, seguindo uma dinâmica manifesta em diversas cidades do Brasil e do mundo, logo se torna um considerável movimento – político e cultural - aglutinador dos sujeitos urbanos e periféricos da capital.

No presente artigo, a problematização do uso do território ludovicense por meio da cultura *hip hop* fundamenta-se na análise das tipologias e topologias associadas às batalhas do rap, momentos nos quais os MC's (os mestres de cerimônia)⁴ – os cantores da cultura das ruas – apresentam por meio de suas rimas, as mais diversas narrativas e temáticas predominantemente ligadas a uma análise crítica do cotidiano desigual da metrópole.

Em nossa abordagem a cultura *hip hop* é analisada a partir da noção de circuito cultural, a qual, segundo Alves (2005, 2015, 2016), serve de ferramenta teórico-metodológica instrumental à análise da dinâmica de objetos e ações em torno de uma determinada manifestação cultural⁵.

Compondo a nossa metodologia de pesquisa, foram realizados levantamentos e estudos bibliográficos sobre a temática pesquisada em arquivos escritos e audiovisuais, além de uma série de trabalhos de campo: visitas técnicas, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários qualitativos e quantitativos. Tal reunião de informações primárias, devido ao caráter das apresentações artísticas do circuito *rap*, ocorreu, em grande parte, no período noturno, principalmente entre os dias de sexta-feira, sábado e domingo. Parte desse esforço analítico privilegiou o diálogo por meio de entrevistas semiestruturadas junto aos MC's, ao público e aos produtores de eventos artísticos ligados ao *hip hop*⁶.

Em sua estrutura o artigo se organiza da seguinte maneira: em um primeiro momento propomos um olhar para o território ludovicense a partir do tempo, destacando em linhas gerais a gênese e a contemporaneidade do circuito *hip hop*. Em seguida, problematizamos os nexos entre a noção de lugar e os círculos de cooperação articuladores do circuito das batalhas de rap em São Luís, abordando aspectos de sua natureza, organização e infraestrutura. Por fim, precede as nossas considerações finais, um exame das tipologias-topologias associadas às

movimentos corpóreos variados, sejam eles bruscos ou sinuosos. Para mais informações, consultar Calogirou (1996), Andrade (1996) e Béthune (2002).

⁴ Também chamados de *rappers* ou rapistas.

⁵ A esse termo, segundo Santos (2009, p. 68), “circuito é a palavra que caracteriza melhor o fluxo interno que existe dentro dos subsistemas”, termo operacional à análise do movimento contido na produção, distribuição e consumo de determinados bens, interessando-nos nesse viés, os bens culturais.

⁶ Tais informações primárias, manifestas nos relatos de nossos interlocutores, aparecem no texto, acompanhadas de um asterisco*.

batalhas, momento no qual ressaltamos a apropriação dos espaços da metrópole por parte dos militantes da cultura *hip hop*.

Por meio do exame do *hip hop* ludovicense, intentamos analisar o espaço urbano como “lugar da expressão de conflitos” e também “como lugar do desejo” (LEFEBVRE, 2002 [1970], p. 160), ou seja, terreno fértil para a comunicação entre os sujeitos, *locus* capaz de criar “situações e atos tanto ou mais que objetos” (Idem, p. 159).

Lembramos, nesse sentido, Ribeiro (2011) quando esta afirma a necessidade de valorizar a ação em seu contexto, reconhecendo a vida urbana, seus detalhes e a sua complexidade, feitos e refeitos em todos os lugares. Tratar-se-ia de uma “cartografia da ação” (RIBEIRO, 2001, 2011), isto é, uma geografização das práticas lugarizadas, que deixe falar os agentes periféricos, praticantes da cultura popular (CHAUÍ, 1985), os que se utilizam da cidade como abrigo, vozes para quem o poder instituído (Estado e corporações) parece estar surdo.

TEMPO, TERRITÓRIO E CULTURA: CONFORMAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE DO CIRCUITO *HIP HOP* LUDOVICENSE.

O trabalho do geógrafo passa pela integração espacial de “tempos cuja duração e, conseqüentemente, cujo significado são diferentes” (DOLLFUS, 1973, p. 116). Nesse sentido, ensina-nos Hartshorne (1978), que em muitos casos os processos correntes não têm capacidade explicativa, o que obriga o geógrafo a voltar mais um pouco no tempo, a fim de captar o encadeamento da geografia dos lugares e territórios em diferentes momentos históricos.

A abordagem do território ludovicense a partir do tempo indica que desde os anos 1970 a capital do Maranhão abriga circuitos culturais⁷ movimentados por sujeitos periféricos, os quais utilizam a arte em sua forma política para tanto questionar a segregação a que são submetidos, quanto para reivindicar um espaço urbano alternativo ao imposto pelo poder instituído.

É por esta razão a afirmação de que a cultura *hip hop* em São Luís desenvolveu-se como uma alternativa às gangues periféricas, remontando aos encontros de jovens dançarinos

⁷ A respeito da espessura atual dos circuitos culturais maranhenses, destacamos que, segundo informações do RAIS (Registro Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho, 2015) reunidas por Keller (2017), existiriam no Maranhão 446 profissionais das artes e do espetáculo, sendo 115 profissionais ligados à música no estado, 66 deles em São Luís, indicando circuitos culturais consideravelmente amplos, um vez que, em âmbito nacional, aproximadamente 90% dos trabalhadores dos setores culturais atuam de modo informal.

de *beat street*⁸ realizados no antigo Cine Monte Castelo, entre os anos de 1983 e 1984. Tais encontros deram origem aos primeiros grupos de *break* da cidade, tais quais: o *Dente de Sabre* (bairro da Cohab) e o *Spectro Break* (bairro da Liberdade), reunidos em discotecas como o *Safari* (bairro do João Paulo) ou o *Terraço* (bairro do Maiobão), compondo assim a espessura inicial da cultura das ruas em território ludovicense (SANTOS, 2008, 2015; DIAS, 2002).

Santos (2008, 2015), explica que em São Luís, após esse movimento inicial em torno dos bailes – o período de “modismo” do break –, constitui-se um novo momento do *hip hop*, no qual a orientação fora a ocupação dos espaços públicos.

Esse segundo momento, iniciado com os anos 1990, caracterizou-se pelo abrigo de movimentações artísticas em praças do centro da cidade como a Gonçalves Dias e, sobretudo, a Deodoro⁹, implicando em uma grande articulação do *hip hop* com movimentos negros, sindicais, culturais (reggae e capoeiras), estudantis, além dos partidos políticos, entre outros¹⁰.

Nessa via, a dinâmica do *hip hop* em São Luís, ao longo dos anos 1990, pautou-se pelo surgimento e pelo adensamento de: (i) grupos de grafite, como o *Código Visual* e a *Mess* –; (ii) grupos de rap e rappers, caso de *Preto Roberto Comunista* e dos grupos *Discípulos de X* e *Yskina*; (iii) projetos socioculturais, caso do “*Ruas Alternativas*” e do “*Periferia Urgente*”; (iv) programas radiofônicos, tais quais o “*Força Rap*” (Rádio Difusora) ou o “*Som das Praias*” (Rádio Mirante); (v) festivais de *hip hop*; (vi) articulação com a militância *hip hop* de uma série de estados da federação (DIAS, 2002; SANTOS, 2008, 2015).

Marco do *hip hop* ludovicense, no ano de 1992, surge o Quilombo Urbano, organização político artística de cunho marxista, ligada ao movimento negro maranhense, composta por sujeitos de lugares como a Cidade Operaria, Coroadinho e Anjo da Guarda. Hoje, ao Quilombo Urbano, articula-se o *Movimento Hip Hop Militante “Quilombo Brasil”*, organização surgida no ano de 2010, congregando militantes de lugares como Chapadinha-MA, Fortaleza-CE e Maceió-AL.

⁸ Nome dado ao *break* em sua chegada ao país, baseado no filme homônimo de Stan Lathan, lançado em 1984.

⁹ A esse termo, fora essencial a ação de sujeitos como *Hertz Dias*, *Lamartine Silva*, *Júnior Bahia*, *Mizinho*, *Vilsinho* e *Paulo Break*, entre outros (SANTOS, 2008, 2015).

¹⁰ Nessa via, afirma Santos (2015, p. 54): “Ao se localizarem nas praças da cidade, os integrantes do movimento *hip-hop* tiveram acesso a um palco onde aconteciam as principais manifestações políticas empreendidas por movimentos sociais, sindicatos, movimentos estudantis, movimento negro e partidos políticos na cidade de São Luís. Não ficariam imunes aos discursos e reivindicações desses setores. Portanto, a experiência nas praças e ruas possibilitou um aprofundamento da consciência social e política e a necessidade daqueles jovens buscarem seus direitos sociais.”

Nosso levantamento preliminar dá conta de que atualmente São Luís é o abrigo de cerca de 40 grupos de *rap*, organizando apresentações por toda a Região Metropolitana de São Luís, tais quais *Gíria Vermelha*, *QI Engatilhado*, *Ameaça*, *Milícia da Favela*, *Consciência Negra*, *Navalhas Negras*, *Milícia Neo-Palmarina*, *Ilha Clan ou Contraversão Penal*.

O circuito *hip hop* ludovicense compreende ainda: (i) produtoras, caso da *Periafricana*; (ii) congressos e atos públicos, caso do *Fórum Metropolitano de Hip-Hop* ou da *Marcha da Periferia*; (iii) programas de rádio, tais quais o *Território Hip Hop* (Rádio Cultura FM de Maiobão); (iv) informativos, como o *Clãnordestino* e o *Voz e Vez da Periferia*; (v) festivais de *break*, caso do *Conexão Dança*.

Dinamizam-se, igualmente, em torno desse circuito organizações político-culturais como o *Vinte de Novembro*, o *Movimento Força Gueto* (bairro do Maiobão) e o *Favelafro* (Paço do Lumiar). Demonstra-se, assim, por meio da cultura das ruas, uma articulação metropolitana fundada nos lugares e em seus sujeitos, ao contrário do observado por Ferreira (2000) acerca da organização da Região de São Luís.

Por fim, deve-se destacar que o circuito *hip hop* de São Luís caracteriza-se também pela intensa ação das posses (DIAS, 2009), associações locais da cultura *hip hop*, responsáveis por ações de cunho comunitário (ANDRADE, 1996). É este o caso, entre outros, da *Revolução das Ruas* (bairro Divineia), do *Parlamento do Gueto* (Redenção) e da *Família Armada da Periferia* (bairro João Paulo).

Aclara-se, assim, que o circuito *hip hop* ludovicense é um elemento importante na dinâmica da urbe de ontem e de hoje, mobilizando uma série de materialidades e relações sociais desde os anos 1980. Destarte, a seguir propomos o exame das batalhas de *rap*, um dos momentos da cultura das ruas na capital maranhense e cerne da problemática em tela.

O LUGAR E OS CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO DAS BATALHAS DE RAP EM SÃO LUÍS: NATUREZA, ORGANIZAÇÃO E INFRAESTRUTURA.

De acordo com Santos (1996; 1999), o lugar enquanto noção geográfica é o que diferencia os diversos espaços, abrigando no local, ao longo do tempo, as características mais particulares das relações sociais e das configurações espaciais. Trata-se a um só tempo do depositário das demandas globais e do momento espacial, no qual por meio de conflitos, cooperações, normas, anseios e projetos, os sujeitos se organizam agindo em circunstâncias que lhe são próprias.

Pensar o lugar como uma construção histórica e política, por meio da noção de circuito, implica uma análise que dê conta do desvelamento das formas e funções associadas ao processo social. Isto, pois, “entende-se que a existência e a dinâmica de um circuito ganham significado quando analisadas as estratégias políticas no território usado” (ALVES, 2014, p. 292).

Desse modo, a seguir, apresentamos ao leitor os círculos de cooperação no espaço (SANTOS & SILVEIRA, 2001) dinamizados por meio das batalhas do *rap* ludovicense, abordando aspectos de sua natureza, organização e infraestrutura.

Basicamente são cinco os grupos de agentes implicados nessas apresentações artístico-políticas: os organizadores, os MC’s, os DJ’s, o público e os comerciantes, cada qual com determinadas formas e funções associadas (Quadro 1), ainda que não raro cada um dos agentes possa transitar por mais de uma atribuição.

Quadro 1 - Círculos de cooperação e batalhas de rap		
Agentes	Formas	Funções
Organizadores	Infraestrutura	Divulgação, ordenamento e apresentação
MC’s	Rimas	Criação dos argumentos
DJ’s	Aparelhagem de som	Organização das bases musicais
Público	Audiência e resposta	Votação durante as seletivas Consumo de mercadorias
Comerciantes	Gêneros alimentares Utensílios ligados ao hip hop	Comércio de mercadorias

Fonte: Autoria própria, 2019.

De modo semelhante ao que ocorre no *break*, com as disputas entre gangues tendo sido substituídas pelas batalhas de dança entre as *crews*, as batalhas de *rap* consistem em disputas entre MC’s. Assim, do ponto de vista organizacional, as batalhas de MC’s consistem numa sucessão de duelos argumentativos entre dois MC’s, contexto no qual cada um desses expõe as suas rimas em frases de chamamento ou resposta ao adversário, cabendo ao que inicia a contenda definir o tema a ser desenvolvido.

Em formato de campeonato, cada “duelo” implica em eliminatória até que se conheça o vencedor da batalha, cabendo ao público atuar como júri, manifestando a sua predileção por um determinado *rapper*, por meio de gritos e gestos, conforme convocação dos apresentadores do evento artístico.

Em São Luís participam de cada uma das batalhas um grupo de jovens, alguns iniciantes no *hip hop*, outros já com uma trajetória consolidada no circuito, estes já conhecidos pelo público por conta de um estilo, entonação ou temática.

A esse termo, num consistente encontro difusor de conhecimento, observa-se a abordagem dos mais variados temas e questões, tais quais segregação, darwinismo, neoliberalismo, família, leis da física, entre outros, todavia preponderando uma visão política crítica da cidade e do mundo.

No tocante à divulgação das batalhas, seguindo uma tendência contemporânea, destaca-se o considerável uso de redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e grupos de *Whatsapp*). Por outro lado, apontando para modos mais tradicionais de divulgação, o apelo à esfera digital é um esforço conjugado à divulgação boca a boca, bem como a divulgação via cartazes, afixados, sobretudo, em lugares específicos do centro de São Luís, caso das Praças Deodoro ou Manuel Beckman.

Por sua vez, a análise da infraestrutura das batalhas de rap indica um alto grau de precariedade e improviso, salvo nos casos nos quais tais apresentações artísticas aproveitam o ensejo de outras apresentações, já previstas pelo calendário cultural ludovicense.

A condição de improviso – asseverando a manifestação da *flexibilidade tropical* (SANTOS, 1994), ação de resposta à precariedade do ambiente construído do terceiro mundo – se expressa, entre outros: (i) por meio da dificuldade de obter energia elétrica, sendo necessário recorrer a instalações alternativas, os chamados “gatos”; (ii) na utilização de um precário equipamento acústico e de iluminação (acessado em caráter de mutirão); (iii) na falta de um palco, o que implica no recurso a tendas improvisadas, sobretudo durante o chuvoso inverno maranhense (de janeiro à julho).

Aspecto igualmente intrínseco às batalhas, as intervenções policiais ao que tudo indica são uma constante em São Luís. A esse termo um de nossos interlocutores, MC Costelo, assegura* que a cultura das ruas é tida pela sociedade em geral menos como uma arte do que como uma manifestação artística:

O hip hop é uma arte tribal, tem seus versos agressivos, seu comportamento diferenciado, então isso transfere uma ideia para a sociedade de ser algo marginal. O hip hop é uma arte desconhecida como uma arte em si, por isso sempre vai ser reprimida.

Por seu turno, o relato de MC Lucas*, demonstra como as batalhas se constituem como uma forma de colocar em prática todo o conhecimento apreendido pelos agentes sociais, um meio elucidativo da realidade socioespacial: “O rap em si não se preocupa com a

afinação, com o tom da tua voz, mas sim com o que vai ser dito, é mais uma ideia que você passa em cima da questão, é uma liberdade de expressão¹¹”.

Isto posto, em uma microescala espaçotemporal, a das batalhas, as mazelas socioterritoriais mostram-se não mais como elementos naturalizados e naturalizantes do espaço geográfico, mas como variáveis que devem ser problematizadas e transformadas em ideias, na busca por alternativas e soluções para a cidade contemporânea. Não por acaso, uma boa parte da militância *hip hop* considera o próprio conhecimento como o quarto elemento dessa cultura.

Uma vez tratados os aspectos gerais associados à dinâmica das batalhas do *rap* ludovicense, a seguir abordamos as suas tipologias-topologias e sua relação com a economia urbana.

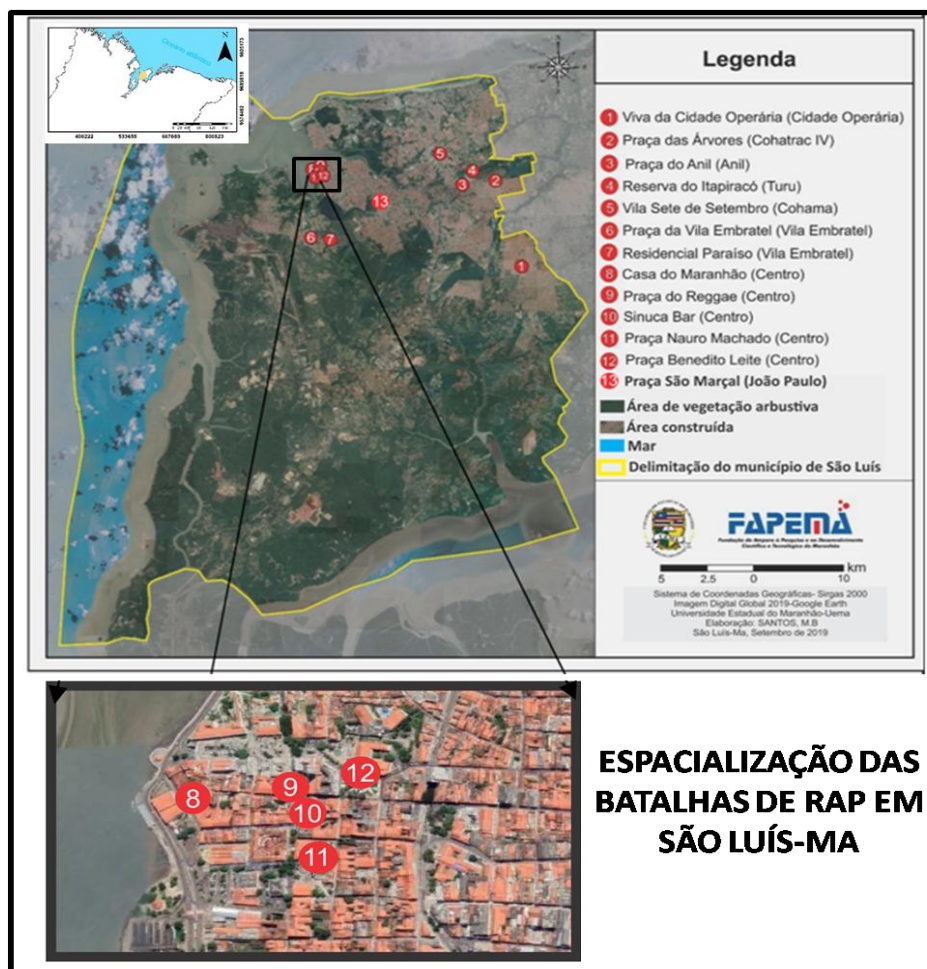
TIPOLOGIAS-TOPOLOGIAS DAS BATALHAS DO RAP: DA PERIFERIA AO CENTRO LUDOVICENSE

O exame das tipologias-topologias associadas ao circuito das batalhas do *rap* em São Luís indica uma considerável espessura de apresentações, abrigadas nas mais diversas áreas da metrópole (Figura 1).

Nosso levantamento tipológico aponta a ocorrência de batalhas em treze locais, cinco desses situados no Centro Histórico enquanto os outros oito situam-se em áreas periféricas, com destaque para o extremo leste ludovicense, abrigo de seis locais. Por sua vez, a topologia mostra que oito desses locais são praças, ao passo que os outros quatro locais são bares e/ou centros culturais.

¹¹ Nesse viés, MC Gugs, um dos organizadores do evento Batalha na Praça, assevera a força expressiva do *rap*: “é mais revolta minha contra o sistema, revolta minha contra outras paradas, revolta por dizer que sou de tal lugar e galera já olhar de olho torto” (Entrevista disponível em <https://www.sobreotatame.com/tag/gugs/>).

Figura 1- tipologias-topologias associadas ao circuito das batalhas do *rap* em São Luís



Um primeiro aspecto a ser destacado dessa análise é que por meio do circuito *rap* ocorre uma considerável apropriação de espaços públicos como as praças, entendidas enquanto lugares do encontro, o espaço banal (SANTOS, 1996) por excelência, pois acolhem os mais diversos agentes. Nesse contexto, por meio da cultura das ruas, as praças, lugares de *troca de ideia*, tornam-se o abrigo de eventos geográficos instituintes, resultantes de vetores (SANTOS, 1996)¹² reveladores das desigualdades socioterritoriais existentes no espaço urbano da capital maranhense.

Um segundo aspecto diz respeito ao fato dessa tipologia indicar que por meio das batalhas ocorre o afluxo de agentes metropolitanos para as Praças do Centro Histórico, como a Nauro Machado, a Benedito Leite e a Praça do Reggae (Fotos 1 e 2).

Foto 1 – Batalha de *rap* na Praça do Reggae

¹² Segundo Santos (1996, p. 95) ter-se-ia no evento geográfico “o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente”.



Fonte: autoria própria, 2019.

Foto 2 – Batalha de *rap* na Praça Benedito Leite



Fonte: autoria própria, 2018.

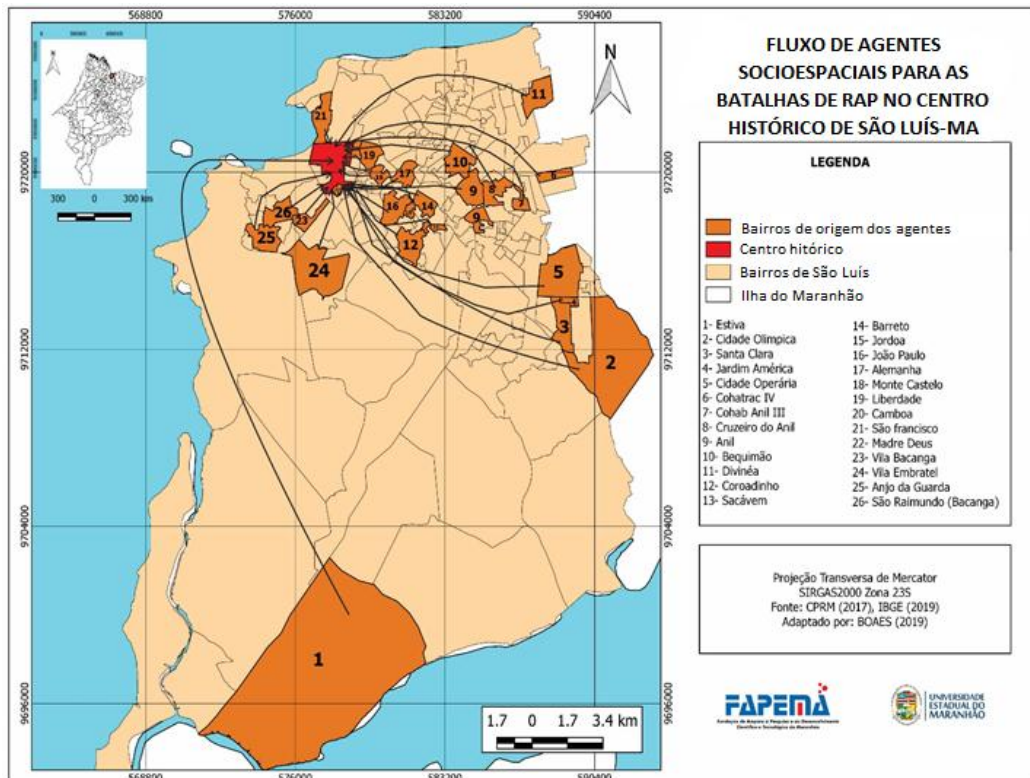
Na busca por depurar tal afluxo para o centro ludovicense, aplicamos um questionário de campo que indicou vinte e seis distintos bairros de origem para os agentes das batalhas.

Ao refletir sobre a metrópole contemporânea conforme as perspectivas de autores como Santos (1987), Corrêa (2014) e Lencioni (2017), para os quais a noção de periferia geográfica diz respeito a áreas onde predominam agentes, formas e processos associados à menor possibilidade de acessar bens e serviços essenciais à condição cidadã¹³, podemos afirmar que se tratam de agentes periféricos os que movimentam as batalhas.

A topologia desse afluxo periférico para o centro em virtude das batalhas de rap aponta onze bairros de origem situados no entorno do centro, outros onze situados na periferia leste, quatro na periferia oeste e um bairro situado no extremo sul da cidade (Figura 2).

¹³ Estaríamos, assim, lançando o foco para o fato das possibilidades do período em curso não existirem nessas áreas ou existirem de modo precário, caso de variáveis como renda, saneamento, habitação digna, segurança, educação, entre outros.

Figura 2-Fluxo de agentes socioespaciais para as batalhas de rap no centro histórico de São Luís.



Ressalta-se que as batalhas ludovicenses realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2018, organizadas pelo grupo “Batalha na Praça”, coordenado por Carlos Olever, fizeram parte de uma seletiva nacional, organizada em diversos estados do Brasil, tais como: Amazônia, Acre, Pará, Amapá, Pernambuco, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mata Grosso do Sul e Goiás. Assim, salienta-se o modo como, por meio das batalhas, os circuitos culturais abrigados em São Luís acabam por se articular a circuitos alhures, pertencentes aos mais diversos lugares da rede urbana brasileira.

Parte da dinâmica das batalhas ressalta-se ainda a conformação de atividades econômicas, sobretudo aquelas atreladas ao comércio de alimentos. Afirmamos se tratar de atividades ligadas ao circuito inferior da economia (SANTOS, 2004 [1979])¹⁴, pautadas, pois,

¹⁴ Numa abordagem da dinâmica econômica territorial nos países do terceiro mundo, Santos (1979, p. 42) afirma que circuitos superiores e inferiores da economia se movimentam conjuntamente na cidade, ambos resultados do processo de incompleta modernização tecnológica. Decorrente direta das modernizações no território, o circuito superior pauta-se, entre outros, pelo “capital intensivo” (SANTOS, 1979, p. 43), grandes volumes de mercadorias, uso de publicidade e acumulação de capital. Por sua vez decorrente residual do processo de modernização no território, o circuito inferior é marcado entre outros pela tecnologia de “trabalho intensivo e frequentemente local” (SANTOS, 1979, p. 41), um grande potencial criativo, trabalho com pequenas quantidades, implicando em atividades econômicas de pequeno porte.

no trabalho intensivo, no alto grau de improviso e de criatividade e no tímido uso de publicidade.

Nosso levantamento de campo aclara que majoritariamente mulheres, moradoras no próprio centro e de seu entorno imediato dinamizam essas atividades. Entre uma rima e outra, tais agentes anunciam seus produtos, - condicionados em isopores, - de distintos tamanhos, sendo os isopores menores utilizados para percorrer toda a área da batalha -, ou dispostos em mesas improvisadas -, como água mineral, vinho, cerveja, doces, sanduíches, cigarros, entre outros (Foto 3).

Foto 3 – Realização de atividades do circuito inferior da economia urbana durante batalha de *rap* na Praça Benedito Leite.



Fonte: autoria própria, 2018.

Por outro lado, alguns jovens MC's depois de rimar se deslocam entre o público comercializando lanches, doces ou acessórios como óculos e bonés. Fora este o caso de Ezequiel, conhecido como Ezek, que em uma das batalhas realizada na Praça Nauro Machado nos contou* estar vendendo trufas buscando angariar recursos para participar do Duelo Nacional de MC's 2019. Isto, pois, como ganhador da seletiva maranhense obteve o direito de representar o estado no evento, todavia, decorrência do caráter periférico do circuito, não existem recursos disponíveis por parte dos organizadores para custear a viagem até Belo Horizonte-MG, cidade onde o evento terá lugar, no final do ano de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os anos 1980 a capital maranhense abriga uma série de agentes, materialidades e relações sociais gravitantes em torno da cultura *hip hop*, tais como grupos de *rap*, crews de *break* e grafite, festivais, casas de shows, posses, produtoras culturais, entre outros.

Já o exame contemporâneo das batalhas do rap ludovicense demonstra como uma série de agentes periféricos fazem uso dos espaços da metrópole, predominando a apropriação de espaços públicos, em especial das praças.

Nas batalhas de rap, observa-se, por meio: (i) das rimas, - argumentos estéticos-políticos, (ii) das discussões que acontecem em meio ao público, (iii) do caráter de improviso infraestrutural, novas formas de apropriação e leitura do espaço urbano, produtoras e difusoras da densidade comunicacional (SANTOS, 1996), modo de por em comum o que não deve ficar isolado (SODRÉ, 1999), um impulso de troca e cooperação, um manifesto dos lugares e de sua gente.

Nesse viés, Ribeiro (1994, p. 154) põe em relevo uma questão crucial para a discussão sobre a possibilidade dos lugares em seus cotidianos melhor se articularem na busca por usos do território mais igualitários: “Como transformar informação em comunicação socialmente útil? Como reconstruir caminhos que permitam a superação da face quase que exclusivamente mercantil da informação?”.

Por seu turno, o fato das batalhas serem movimentadas majoritariamente por agentes periféricos ressalta a dinâmica dos “grupos sociais excluídos como agentes que fazem e refazem a cidade” (CORRÊA, 1989, p.12), pois, como coloca Lefebvre (1969, 2002 [1970]), a cidade depende também das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade e a urbe, esta, uma obra de todos os agentes.

Dessa maneira, lembrando Jacobs (2014 [1961], p. 119), para quem “a inserção espontânea da vida cultural faz parte da missão histórica da cidade”, afirmamos que São Luís, essencialmente desigual e ao mesmo tempo uma das cidades brasileiras de maior riqueza cultural, parece bem cumprir o papel da urbe por excelência.

Trabalho enviado em setembro de 2019

Trabalho aceito em novembro de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito hip hop na Região Metropolitana de Campinas:**

para que o território e a arte digam algo sobre nossas vidas. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Unicamp. Campinas, 2005.

ALVES, Cristiano Nunes. **Os circuitos e as cenas da música na cidade do Recife: o lugar e a errância sonora.** Tese (Doutorado em Geografia), IG-Unicamp. Campinas, 2014.

ALVES, Cristiano Nunes. **Quando as ruas abrigam a arte: a cena hip hop no Recife (1980-2014).** Confins - Revue franco-brésilienne de géographie, v. 25, p. 1, 2015.

ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito rap -indé- em paris: dinâmicas socioterritoriais e mensagem ultramar.** Geosp (USP), v. 20, p. 34-51, 2016.

ANDRADE, Elaine Nunes. **O movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre os rappers de São Bernardo do Campo.** Dissertação de mestrado - USP. São Paulo, 1996.

BÉTHUNE, Christian. **Sites technologiques, panoramas sonores: les univers esthétiques du rap et de la musique techno.** Volume ! [En ligne], 1 : 2, 2002. Pp. 43-57.

BURNETT, Frederico Lago. **São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais.** São Luís: EdUEMA, 2012.

CALOGIROU, Claire. **Le Florida, lieu musical entre banlieue et centre-ville: l'exemple des rappers agenais.** Paris, Les Annales de La Recherche Urbaine, n° 70, 1996. Pp. 48-57.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil.** São Paulo-SP: Brasiliense, 1985.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **O teatro do poder: cultura e política no Maranhão.** Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, 2008.

CARVALHO, Fernanda Cunha de & Cidade, Lúcia Cony Faria. **Grandes projetos, gestão do território e efeitos ambientais no Maranhão.** Espaço & Geografia, Vol.14, No 1, 2011, Pp. 29-51.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** Rio de Janeiro: Ática, 1989.

DIAS, Hertz da Conceição. **História e práxis social do movimento hip hop organizado do Maranhão – Quilombo Urbano.** Monografia (Graduação em História). São Luís: UFMA, 2002.

DIAS, Hertz da Conceição. **A Posse da Liberdade: a integração neoliberal e a ruptura político-pedagógica do hip hop em São Luís, a partir dos anos 1990.** Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Maranhão, 2009.

DOLLFUS, Oliver. **A análise geográfica.** São Paulo: Difel, 1973.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **Uma interpretação geográfica para São Luís**. Revista GEOUSP, nº 7, 2000, Pp. 51-58.

FÓRUM METROPOLITANO DE HIP-HOP. **I Seminário Metropolitano de hip-hop**. São Luís: Fórum Metropolitano de hip-hop, 2006.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo, Hucitec, 1978.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1961].

KELLER, Paulo F. **O trabalho do artista: Investigação social das relações de trabalho na produção musical contemporânea e do mercado de trabalho do músico em São Luís/MA**. Anais do 18ª Congresso Brasileiro de Sociologia, 26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF).

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo-SP: Documentos, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. São Paulo-SP: Humanitas, 2002 [1970].

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Mutações na sociedade brasileira: seletividade em atualizações técnicas da cultura**. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SCARLATO, Francisco Capuano & ARROYO, Monica. O Novo mapa do mundo. São Paulo: Hucitec, 1994. Pp. 151-170.

RIBEIRO, Ana Clara Torres (Et all). **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método**. Cadernos IPPUR/UFRJ, vols. 15 e 16, 2001. Pp. 33-47.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação**. In **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. SILVA, Catia Antonia da. Rio de Janeiro: Faperj/Lamparina, 2011. Pp. 19-34.

SANTOS, Estrela Rosenverck. **Hip hop e educação popular em São Luís: uma análise da organização “Quilombo Urbano”**. Dissertação - Mestrado (Educação). Universidade Federal do Maranhão, 2007.

SANTOS, Estrela Rosenverck. **A história do hip hop em São Luís do Maranhão: periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos 1990**. Outros Tempos. Volume 5, número 6, dezembro de 2008 - Dossiê Religião e Religiosidade. 14 Pp.

SANTOS, Estrela Rosenverck. **Periferia ao vivo: democratização da mídia e socialização da informação por meio do hip-hop maranhense**. Revista Novos Olhares - Vol.4 N.1. 2015. Pp. 52-66.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço Dividido**. São Paulo: Hucitec, 1979.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Metrópole Corporativa e Fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise** In Cadernos IPPUR, ano XIII, nº 2, 1999. Pp. 15-26.

SILVEIRA, María Laura. **Uma situação geográfica: do método à metodologia**. Revista Território, ano IV, nº. 6, 1999. Pp. 21-27.

SILVEIRA, María Laura. **Economia Política e ordem espacial: circuitos da economia urbana**. In Território e ação social: sentidos da apropriação urbana. SILVA, Catia Antonia da. Rio de Janeiro: Faperj/Lamparina, 2011. Pp. 35-51.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SORRE, Max. **Fundamentos da Geografia Humana** In MEGALE, Januário Francisco. Max Sorre. São Paulo: Editora Ática, 1984. Pp. 87-99.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ZUMBIDO. **Do Quilombo Urbano – Movimento Hip Hop**. Zumbido, set., p. 8, 1999.